



**DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**LINHA DE PESQUISA**

**Literatura comparada**

**“SABINA” E *PONCIÁ VICÊNCIO*: MANIFESTAÇÕES DOS DESEJOS  
FEMININOS**

**JUCIANA MARIA DA SILVA**

**GUARABIRA-PB  
2014**

**“SABINA” E *PONCIÁ VICÊNCIO*: MANIFESTAÇÕES DOS DESEJOS  
FEMININOS**

Artigo apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades “Osmar de Aquino”, Campus-III. Departamento de Letras, realizado para a obtenção do título de licenciatura plena em Letras, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sueli Meira Liebig.

**GUARABIRA-PB  
2014**

## FICHA CATALOGRÁFICA

### FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE GUARABIRA/UEPB

S586s

Silva, Juciana Maria da

“Sabina” e Ponciá Vicêncio: manifestações dos desejos femininos. / Juciana Maria da Silva - Guarabira: UEPB, 2014.

21 p.

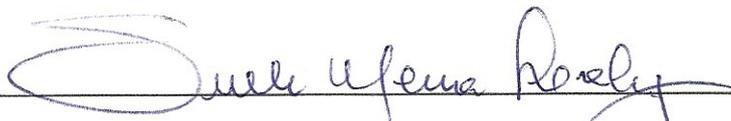
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) –  
Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Profa. Dra. Sueli Meira Liebig.”

**JUCIANA MARIA DA SILVA**

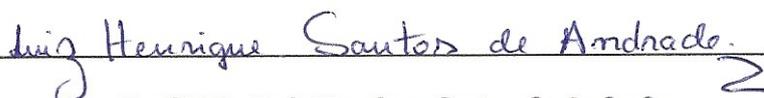
**“SABINA” E PONCIÁ VICÊNCIO: MANIFESTAÇÕES DOS DESEJOS FEMININOS**

**BANCA EXAMINADORA**



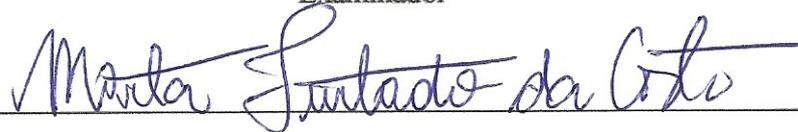
---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sueli Meira Liebig  
Orientadora



---

Prof.<sup>o</sup> Ms. Luis Henrique Santos de Andrade  
Examinador



---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marta Furtado da Costa  
Examinador

Artigo aprovado em 22/07/2014

**Guarabira  
2014**

**RESUMO:**

O presente artigo faz uma análise comparatista entre o romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, e o poema “Sabina”, de Machado de Assis, por meio das manifestações do desejo feminino, que aproxima e distancia as duas personagens. Essa relação pode ser explicada a princípio pelo fato das duas personagens serem negras e pobres e por terem se deixado conduzir por seus desejos, que embora extremamente diferentes, causam a ambas muito sofrimento e quase as arrastam para a loucura, deixando muitas sequelas, mas também exibindo bastante coragem e a necessidade de superar tudo aquilo que outrora tanto as machucou. Com base em estudos feitos por BORDIEU (2002), DUARTE (2007) e NICHOLSON (2009), dentre outros, evidenciamos o fato de que o poema machadiano recusa a tradição de promiscuidade e infertilidade com relação às mulheres negras do século XIX, comuns em tantos autores, enquanto ressaltamos que em *Ponciá Vicêncio* também se encontra o redirecionamento da voz narrativa que, sem descartar a sexualidade, representa a mulher não a partir de seus dotes físicos, mas pelas suas atitudes de luta e resistência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Desejo feminino, sonhos, Sabina, Ponciá Vicêncio.

**ABSTRACT:**

This paper establishes a comparative analysis between the novel *Ponciá Vicêncio*, by Conceição Evaristo, and the poem "Sabina", by Machado de Assis, in what concerns the manifestations of the female desires, seeking to approximate the two main women characters. Such relationship can be explained by the fact that the two characters are black and poor and are guided by their wishes, that although extremely different, cause each one much suffering and almost draw them to madness, leaving irrevocable sequels, but also showing their courage and the need to overcome every hard blow that life cast upon each one. Based on studies done by BORDIEU (2002), Duarte (2007) and Nicholson (2009), among others, and evidencing the fact that Machado's poem refuses to accept the tradition of promiscuity and infertility assigned to black women in the nineteenth century, so common to many authors, this work intends to show that *Ponciá Vicêncio* redirects the narrative voice that, without discarding woman's sexuality, points out her struggle and resistance to the adversities.

**KEYWORDS:** female desire, dreams, Sabina, Ponciá Vicêncio

## I INTRODUÇÃO

As manifestações do desejo feminino são marcantes nas obras machadianas. Neste texto, apresentaremos um estudo sobre a mulher brasileira do final do século XIX, representada por Machado de Assis no poema “Sabina”, cujo estudo terá como foco principal a construção que o escritor faz da mulher “não-ideal”, que vive à margem da sociedade elitista da época, como a escrava do poema homônimo. Por outro lado, estabelecemos uma comparação do papel que essa mulher marginalizada ocupa na sociedade brasileira com Ponciá Vicêncio, romance contemporâneo de Conceição Evaristo. Na protagonista Ponciá, encontra-se o redirecionamento da voz narrativa que, sem descartar a sexualidade, está compelida em figurar a mulher não a partir de seus dotes físicos, mas pelas suas atitudes de luta e resistência, e de sua afirmação enquanto sujeito. Ao explorar a intimidade da mulher afrodescendente, a autora põe em cena o lado feminino da exclusão. Suas personagens são negras e vivem como domésticas, mendigas, faveladas. Mas são, sobretudo, mulheres de fibra, lideranças, referências comunitárias.

Evaristo empreende a fundo as perdas de Ponciá como a morte do avô, de seu pai, os sete abortos que sofreu e a separação da mãe e do irmão, penetrando num “aparta-se de si mesma” e assim sofre as consequências os abalos emocionais, as profundas ausências que conecta o passado com o presente e o vazio causado pela saudade dos seus além de uma extrema pobreza.

Sabina e Ponciá são exemplos de mulheres belas e jovens que, como muitas mulheres especialmente as negras, são discriminadas, seduzidas, abandonadas e que vivem a maternidade o aborto sem um companheiro com quem elas possam compartilhar suas angústias. Mas, contudo elas conseguem superar este momento de sofrimento e arrependimento e tem a coragem de dar à volta para chegar ao lugar exato onde tudo começou.

## II. Sabina “O poema”

No poema narrativo “Sabina”, Machado ressalta o preconceito e problematiza a relação entre a cria da casa e o senhor moço ambos na juventude dos vinte anos. No entanto, mais do que o corpo, a escrava tem destacadas suas “roupas de cambraia e renda” que oferecem mais sensualidade à mucama e despertam os desejos do moço, que fica horas a contemplar a beleza da jovem, tão desejada pelos homens daquele lugar. A citação abaixo, extraída do livro de Eduardo de Assis Duarte, confirma a fidalguia de Sabina e recusa a

tradição de promiscuidade e infertilidade com relação às mulheres negras do século XIX, comuns em tantos autores:

Vinte anos ela tinha e na província toda não havia mestiça mais amoda com suas roupas de Cambraia e renda Cativa não entrava na senzala. Nem tinha mão para o trabalho rude; desbrochava-lhe a sua juventude entre carinhos e afeições de sala era cria da casa.

(DUARTE, 2007, p15)

Publicado em 1875, este poema recusa, como foi dito acima, a tradição de promiscuidade e infertilidade com relação às mulheres negras do século XIX, comum em tantos autores. Sabina é a jovem mais bonita do lugar e muitos rapazes, inclusive o feitor, suspiram pela moça. Mas o coração da mucama já tem dono, ela está encantada por alguém, o moço Otavio, um belo rapaz de vinte anos, de gestos nobre e sedutor, que cursa o terceiro ano da academia e que outrora, ao caçar, ficou maravilhado pela sua beleza, abaixo descrita por Machado de Assis via Duarte:

Uma figura deliciosa, um busto sobre as ondas suspende o caçador. Mãe d'água fora, talvez, se a cor de seus quebrados olhos imitasse a do céu: se a tez morena, morena como a esposa dos cantares alva tivesse; e raios de ouro fossem os cabelos da cor da noite escura, que ali soltos e úmido lhe caem como um véu sobre o colo.

(DUARTE, 2007, p17)

Otavio desliza e faz um barulho que chama a atenção de Sabina, que vê aquele a quem ama silenciosamente. A atração é recíproca: ele fica encantado com a beleza daquela que se destaca entre todas as moças que ele já conhecera, por mais bem vestidas que fossem. Nenhuma era tão encantadora quanto Sabina. A mucama e Otavio vivem dias de amor e paixão “sincera” sem relevar o abismo que os separa, pois o rapaz é rico e ela apenas uma pobre mulata, que mesmo sendo muito bela não passa de um objeto de prazer e como nos demais casos o rapaz termina se aproveitando da ingenuidade da moça.

Entregando-se por “amor” Sabina engravida. Sofre em silêncio e espera pelo dia de ver seu amado. Torna-se então o assunto do terreiro. Todos riem de sua história pelo fato dela acreditar que ele realmente a desposará. Rejeitada pelo amante, que regressa noivo de uma bela jovem de cabelos castanhos de quinze anos de idade e da mesma condição social. Decepcionada, a mucama pensa em se matar na noite do casamento do homem a quem ama, pois não suportaria tamanha humilhação e falta de respeito, mas o chamado instinto materno

em que pulsa o sangue da mãe e do filho a faz recuar. Assim, a escrava de Machado cumpre o destino histórico da mucama que irá povoar a casa grande com mais um mestiço bastardo.

### III. Ponciá Vicêncio O “Romance”

O romance Ponciá Vicêncio narra a história de uma jovem marcada por sonhos, desencantos e mistérios que é a perseguição, da infância até a vida adulta, e também mostra o desejo de se enxergar como parte de um lugar. Uma jovem que busca resolver seus conflitos internos de falta de identidade, racismo, medo, desejo, solidão, amor, inconformismo e morte. A moça procura constantemente preencher o vazio que há em sua vida, vazio este que ela não sabe explicar. De certa forma Ponciá procura alguma coisa quase inatingível, algo que quanto mais ela busca, mais dela se afasta. É como se não houvesse um lugar neste mundo pra si. No prefácio de livro, a citação de Maria José Somerlate sumariza o foco da narrativa:

Conceição Evaristo traça sua trajetória da personagem da infância a idade adulta analisando seus afetos e desafetos e seu envolvimento com a família e os amigos. Discute a questão da identidade de Ponciá, centrada na herança identitária do avô e estabelece um diálogo entre o passado e o presente, entre a lembrança e a vivência entre o real e o imaginado.

( EVARISTO;2003,15)

Ponciá vive em uma pequena vila de ex-escravos, trata-se de um pedaço de terra doado pelos fazendeiros em troca do trabalho destas famílias, neste lugar os trabalhadores podem plantar e fazer outras atividades para garantir o sustento das famílias. Ponciá e sua mãe Maria Vicêncio fazem belíssimos trabalhos de barro (potes, esculturas etc.) Seu pai e seu irmão Luande trabalham nas terras dos brancos e só voltam para casa de tempos em tempos.

Eles vivem felizes tudo parece muito tranquilo, mas Ponciá percebe que sua história é repleta de mistério em especial a sua estranha ligação com seu avô Vicêncio, que havia matado a sua avó e tentado se matar para que ambos se livrassem da condição de escravos. Tendo sobrevivido, ele amargou para sempre sua desvairada atitude. O avô, que ela mal conhecera, reflete-se nela, tanto na aparência quanto nos pensamentos e isso assusta seus pais, que parecem sempre esconder-lhe alguma coisa. É realmente intrigante a maneira como o ancião está presente na memória de Ponciá, visto que ela era bem pequena quando ele morreu:

O pai de Ponciá Vicêncio olhou o homem de barro que a menina havia feito e reconheceu nele o seu próprio pai. Pegou o trabalho e examinou bem. Os olhos, a boca, as costas encurvadinhas, a

magreza, o bracinho cotoco, tudo era igual, igualzinho. A boca ensaiava um sorriso, mas no rosto, a expressão era de dor.

(EVARISTO, 2003, p.19)

Ponciá não gosta de seu nome, que lhe parece estranho. Várias vezes repete o próprio nome na tentativa de se reconhecer. Talvez porque este nome a remeta a um passado repleto de marcas dolorosas e humilhantes do tempo da escravidão, como podemos acompanhar na citação abaixo, onde o pai de Ponciá sente na pele como é ser humilhado pelo patrão.

Um dia o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca, pois queria mijar dentro. O pagem abriu. A urina do outro caía escorrendo quente por sua goela e pelo canto de sua boca. Sinhô moço ria, ria. Ele chorava e não sabia o que mais lhe salgava a boca, se gosto da urina ou se o sabor de suas lágrimas.

(EVARISTO, 2003, P.15)

O pai de Ponciá se revolta com aquela situação e se entristece com seu pai, pois eram livres agora e não precisavam suportar todo tipo de humilhação ao qual eram submetidos e mesmo assim a senzala continuava cheia de escravos que não tinham coragem para arribar daquele lugar temendo o a vida fora dali.

O tempo passa e infelizmente o pai de Ponciá falece na terra dos brancos. Seu irmão volta para casa e todos ficam arrasados, parecendo ainda esperar pelo dia da sua volta para casa.

A mulher ,quando avistou o vulto do filho sozinho, saiu desesperada ao encontro dele. Abraçou o menino e depois, lenta e solenemente, abraçou o vazio como se estivesse abraçando alguém. Não perguntou nada. Sabia de tudo. Naqueles dias sonhara varias vezes com seu homem. Só não conseguia ver o rosto dele.

(EVARISTO,2003, P.31)

Ponciá não se sente parte daquele lugar, ela sabe que existe muita coisa sobre ela que ninguém aspira revelar e na tentativa de se sentir parte deste mundo onde nem com o seu nome ela consegue se identificar, ela decide aprender a ler para ir viver na cidade e assim ela faz, deixa sua família e vai para a cidade.

O inspirado coração de Ponciá ditava futuros sucessos para a vida da moça. A crença era o único bem que ela havia trazido para enfrentar uma viagem que durou três dias e três noites. Apesar do desconforto, da fome, da broa de fubá que acabara ainda no primeiro dia, do café ralo guardado na garrafinha, dos pedaços de rapadura que apenas lambia, sem ao menos chupar, para que eles durassem até ao final do trajeto, ela trazia a esperança como bilhete de passagem. Haveria, sim, de traçar o seu destino.

(EVARISTO, 2003, p.35)

Depois de alguns dias de viagem de trem, o único que passa em sua vila, uma vez por mês, ela chega à cidade com fome, cansada e sem lugar para ficar. Caminha até a igreja e fica surpresa com a beleza das imagens e dos santos, também as belas roupas das pessoas. É na igreja que ela consegue, por indicação de uma senhora, um lugar para trabalhar. O desejo de Ponciá é conseguir dinheiro para comprar uma casa e voltar para buscar a mãe e o irmão para morarem juntos, terem uma vida diferente. Mas o tempo passa e Ponciá começa a se sentir mais triste e vazia, a sentir saudades de casa, da família e frequentemente repete um gesto que fazia costumava fazer quando ficava na janela com um olhar distante como alguém que procura seu lugar neste mundo.

Ponciá conhece um rapaz que trabalha em uma construção em frente a casa em que ela trabalha, que também se encanta por ela, pela sua beleza e pelo seu ar de mistério. Eles muito pouco se falam mais sentem grande atração um pelo outro. Decidem morar juntos, mas depois de sete abortos que os frustraram e pela insatisfação da mulher e de sua apatia diante da vida o amor vai acabando.

O homem de Ponciá passa a beber muito e ela passa a deixar de cuidar da casa e da comida. Quando ele chega cansado e sujo do trabalho, ele sempre a encontra na janela com um olhar perdido, como de quem espera a vinda de alguém. Corroído pela raiva ele a agride algumas vezes, mas ela está tão desiludida com a vida que nem sequer reage ou se defende; apenas se levanta e improvisa alguma comida e assim eles vão dormir calados e sujos, em uma casa mal cuidada. Vários meses se passam e essa situação continua a piorar. A vida para ela perde o sentido ao constatar que este homem nem de longe se parece com o pai dela, tão carinhoso com sua mãe. Agora tudo o que Ponciá deseja é reencontrar seus parentes. Depois de agredi-la violentamente, o homem se arrepende de todas as agressões e começa a achar que a esposa está doente, passando a ser mais atencioso e prestativo para com ela.

Ponciá decide voltar para sua terra em busca de seu irmão e sua mãe e lá descobre que seu irmão teria ido para a cidade e sua mãe vive em busca dos filhos; só volta para casa de tempos em tempos. Ao chegar à cidade Luanda conhece o soldado Nestor, que o acolhe e lhe ensina a ler. Levado pelo amigo à zona, o rapaz conhece Bilisa, uma bela mulher negra, que como ele que havia ido para a cidade com os mesmos planos dele e Ponciá: ganhar dinheiro e ajudar a sua família, mas infelizmente é enganada pelo filho de seus patrões que se aproveita da sua beleza e ingenuidade e certo dia lhe rouba todas as economias. Como iria levar muito tempo para levantar mais dinheiro Bilisa resolve ir trabalhar como mulher dama.

Ninguém entrava em seu quarto a não ser, de vez em quando, o filho da patroa. Sim, ele era o único que entrava lá, às vezes, quando dormia com ela... A patroa não gostou da suspeita que caiu sobre o seu filho. Quanto a dormir com a empregada, tudo bem. Ela mesma havia pedido ao marido que estimulasse a brincadeira... E agora, novamente era chamada de puta pela patroa.

(EVARISTO, 2003, p.101)

Bilisa e Luande se conhecem na zona e se apaixonam, mas o soldado Nestor não gosta da relação; acha que ela vai magoar Luande. Por querer abandonar aquela vida Bilisa é covardemente assassinada por Climério, o negro cafetão que administra o bordel.

Negro Climério havia matado a moça. Na cama, os panos, as linhas e a agulha com a qual ela preparava com afinco o seu enxoval, Luande tremia. Negro Climério havia matado a sua Bilisa-estrela. Matou a mulher! Matou a sua mulher! Matou a mulher que ia ser tão feliz... Negro Climério era perigoso mesmo. Bilisa já havia dito, mas ele nunca acreditou que o homem tivesse tamanha covardia de atentar contra ela.

(EVARISTO, 2003, p.117)

Acabando-se aí os Planos de Luande e Bilisa de formarem uma família. O rapaz consegue realizar um grande sonho ao se tornar soldado, mas sem a sua amada nada mais importa; tudo o que ele quer agora é reencontrar sua mãe e sua irmã.

O tempo passa e a senhora Maria Vicêncio decide ir à busca de seus filhos. Depois de alguns dias de uma viagem muito sofrida e cansativa ela chega à capital e por coincidência encontra o soldado Nestor. Ao pedir-lhe informações, ela entrega ao soldado um papel com o endereço do filho, escrito pelo próprio soldado, pois Luande quando estivera na pequena aldeia havia deixado o endereço com a sábia Nêngua Kainda. O soldado leva a mãe de seu amigo como se estivesse conduzindo sua própria mãe e a presença dela ajuda Luande a sentir menos dor pela partida de Bilisa, estrela de sua vida.

Depois de dias e dias esperando na janela por alguém que nunca chegaria, Ponciá se levanta e vai para a estação na tentativa de voltar à sua terra. Seu homem a segue de longe para ver para onde irá. Quando em passos descompassados Ponciá chega à estação é reconhecida por Luande, que faz a guarda do lugar. Agora os três juntos voltam para sua terra, de onde jamais deveriam ter saído, pois percebem que em nenhum outro lugar eles se sentiriam mais acolhidos. E assim eles regressam ao lar. Luande desiste de seu sonho de ser soldado, Ponciá percebe que não poderia fugir de seu destino e que sua vida não faz sentido longe de sua terra natal. Ela é parte do lugar, parte do rio e do barro e tudo isto faz falta. Quer

ter a vida tranquila de antes e sua mãe quer ter sua família de volta, quer seus filhos e continuar esperando a chegada de seu marido. Na pacata vida do lugar, eles querem agora recuperar os tempos de desencontros.

Lá fora, no céu cor de íris, um enorme angorô multicolorido se diluía lentamente, enquanto Ponciá Vicencio, elo e herança de uma memória reencontrado pelos seus, não se perderia jamais, se guardaria nas águas do rio.

(EVARISTO, 2003, p.132)

Ponciá finalmente descobre um pouco de sua história, que durante a sua gestação ela chorou e riu como seu avô e seus pais decidiram guardar este segredo. De certa forma ela entende o porquê, pois tem visões com pessoas que ela não conhece e também com seu avô, que todos afirmam parecer com ela, tanto fisicamente como nas atitudes e no comportamento. Isto faz com que ela perceba que está enraizada em sua terra e que em nenhum outro lugar seria feliz.

## **PRECONCEITO, RACISMO E SEXISMO EM SABINA E PONCIÁ**

Linda Nicholson (2009) afirma que em suma todas as mulheres são oprimidas pelo sexismo; algumas são, além disso, oprimidas pelo racismo. Uma análise como essa distorce as experiências de opressão das mulheres negras por negligenciar importantes diferenças entre os contextos nos quais mulheres negras e mulheres brancas têm suas experiências com o sexismo. A análise aditiva sugere ainda que a identidade racial de uma mulher pode ser subtraída de sua identidade simultaneamente sexual e racial. Assim, Sabina e Ponciá têm muito em comum, em especial por serem pobres e negras, também por desejarem ter uma vida diferente da que elas vivem. Isso é evidenciado ao longo da análise. As duas desejam mais do que sua condição de escrava ou ex-escrava pode oferecer. Sabina deseja viver um grande amor com o Otavio.

Um grito apenas. Um só grito, mas único, lhe rompe do coração; terror, vergonha... E acaso prazer, prazer misterioso e vivo de cativa que amou silenciosa. E que ama e vê o objeto de seus sonhos, Ali com ela, a suspirar por ela.

(ASSIS, apud DUARTE, 2007, p.19)

Do mesmo modo Ponciá deseja uma vida diferente de tudo o que ela já viveu, como se nada daquilo que a rodeia lhe pertencesse, inclusive seu próprio nome, que a moça não consegue aceitar, ela procura desesperadamente identificar-se enquanto sujeito:

Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio sentia como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o seu nome responder dentro de si... Pediu ao homem que não a chamasse de Ponciá Vicêncio. Ele, espantado, perguntou-lhe como a chamaria então. Olhando fundo e desesperadamente nos olhos dele, ela respondeu que poderia chamá-la de nada.

(EVARISTO, 2003, p.16/17)

Ela sabe que o seu sobrenome ainda é marca da escravidão, pois pertence ao dono das terras onde seus antepassados eram explorados. Lugar este que seu pai servia de objeto de distração para o senhorzinho que o expusera a diversos tipos de humilhação. Neste tempo os escravos eram identificados a partir do sobrenome de seus senhores. Tudo isso fazia com que Ponciá não internaliza o seu nome porque de fato não era dela e sim uma ferradura que os dissociavam dos demais escravos.

De acordo com Aline Alves Arruda (2006), além do sobrenome há uma forte recusa de Ponciá em relação ao nome que do grego significa “vinda do mar”, o que a remete a triste história da escravidão o momento da travessia onde vários negros morriam e sofriam maus tratos nos navios.

Sabina e Ponciá não receberam de seus homens o que elas desejavam. Sabina apostou em uma paixão proibida entre um rico e uma pobre escrava. Ao se envolver inteiramente com Otavio ela acredita no amor dele, que imagina ser suficiente para que ele seja capaz de enfrentar tudo por ela. No entanto ele apenas tira proveito dos sentimentos da criada. Fato extremamente comum em romances desta natureza, onde os jovens filhos dos fazendeiros se compreendem como donos das jovens que vivem em suas terras e desta forma não lhes parecem grave desfrutar delas ao ponto de desmoralizá-las e as tornarem alvo de todos no terreiro e depois de fazê-las acreditarem em falsas promessas elas se entregarem completamente até que eles se sintam saciados de seus corpos e as abandonam para se casar com moças de mesmo nível social.

No caso de Ponciá não havia tanta paixão, ela queria um homem bom assim como seu pai fora para sua mãe. O homem dela não a abandonou, mas fez com ela perdesse o pouco de afeto que em algum momento sentira por ele. Ele não soube compreender suas angústias, seu arrependimento de ter abandonado a família e que havia muitos mistérios sobre ela que ela mesma não conhecia e isto tudo provocava nela abandono de vida. Era como se nada lhe importasse e por este descaso ele a agredia várias vezes, chegando a tirar sangue de algumas partes de seu corpo.

Um dia ele chegou cansado, garganta ardendo por um gole de pinga e sem um centavo para realizar tão pouco desejo. Quando viu ponciá parada, alheia, morta-viva, longe de tudo, precisou fazê-la doer também e começou a agredi-la. Batia-lhe, chutava-a, puxava-lhe os cabelos. Ela não tinha um gesto de defesa. Quando viu o sangue escorrendo pelas narinas, pensou em mata-la, mas caiu em si assustado.

(EVARISTO, 2003, p.98)

Sabina se mostra de certa forma frívola e assim como muitas moças espera por um príncipe encantado um homem rico, educado e bem vestido que conceda a ela uma vida luxuosa de esposa e amante e se ilude mesmo sabendo que este jogo de sedução é um jogo antigo entre os homens. E ela vai aprender tudo isto da forma mais dolorosa presenciando a escolha do seu querido Otavio que não a procurou mais, e ao regressar depois de longos meses trouxe consigo sua jovem noiva, uma mulher completamente diferente da mucama com ares de corte, refinada e de boa família.

As duas personagens desejam estar em lugares deferentes, querem de certa forma não enfrentar a realidade. Sabina porque está grávida e assiste a chegada de seu amado, pai de seu filho, com a noiva uma moça da capital de mesma condição financeira que ele. Ela pensa em se matar e também acabar com a vida que cresce dentro dela.

Ia a cair nas águas, quando súbito horror lhe toma o corpo; gelado o sangue e trêmula recua, vacila e tomba sobre a relva. A morte em vão a chama - lhe fascina a vista; vence o instinto de mãe. Viu-a jazer a lua largo espaço da noite ao Pé das águas.

(ASSIS, apud DUARTE, 2007, p.22)

Ponciá vive a angústia de sete gestações não completadas, o que a magoa ainda mais, tanto quanto a seu marido que ainda tenta engravidá-la outras vezes e estas tentativas frustradas os afastam ainda mais.

As duas têm o desejo comum de viver um grande amor, um amor que mude suas vidas, que as faça sonhar com um mundo melhor, um amor que as complete, no entanto os seus desejos são totalmente frustrados. Ambas sofrem e se desiludem com suas escolhas, embora talvez, tivessem tido momentos mais felizes se aceitassem suas condições de vida.

Ponciá e Sabina terminam no mesmo lugar em que começam, mas com muitas marcas de sofrimento. A vida não é fácil para nenhuma das duas: perdem seus sonhos, Sabina vira alvo de chacotas, Ponciá abandona sua família, nem os filhos vingam, enquanto Sabina tem no filho a imagem fiel do grande amor que a abandonara.

Contudo, foi o amor que as salvou: Sabina, ao querer se matar, no ultimo momento desiste por amor a seu filho, que mesmo fazendo-a recordar de seu amante, é a força que a fez lutar pela vida e reagir diante de todas as consequências provocadas pela sua ingenuidade.

No caso de Ponciá, ao tentar desistir de viver, é a lembrança de sua infância, o amor da sua mãe e de seu irmão e a saudade de seu pai e a recordação do avô que a conservam presa à vida, com o desejo inabalável de tornar a reunir tudo aquilo que ela não compreendia e deixara para trás a fim de buscar em outras terras o verdadeiro sentido de sua vida, que ela só veio entender entrar em um processo quase vegetativo. Ela era parte da terra, estava enraizada na terra dos senhores de escravos. Sua herança histórica era muito forte e ela não poderia fugir dela.

Conforme assegura Barbosa no prefácio do romance de Evaristo (2003), a memória é a via de acesso de Ponciá ao seu autoconhecimento, é também através dela, do que a voz narrativa constrói, que nós leitores penetramos no âmago das suas emoções e passamos a conhecer a história pessoal de cada um. Durante toda a narrativa, percebemos a dependência entre as experiências passadas da protagonista e a experiência coletiva concebida, principalmente, pela figura de seu avô, Vicêncio, escravo que fica insano após matar a esposa, se mutilar e tentar matar os filhos diante da ameaça de vê-los escravizados para o resto da vida. A similaridade entre Ponciá e o avô seria uma marca da herança que este lhe havia deixado.

Sabina e Ponciá, assim como muitas outras mulheres, são exploradas, humilhadas e abandonadas, não se sentem com o direito de revidar e acabam aceitando a triste condição de vítimas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Sabina e Ponciá, mulheres negras, belas, jovens e pobres, desejaram uma vida diferente, acreditaram em seus sonhos, desejos e embarcaram em uma longa e dolorosa viagem até perceberem que tinham entrado no caminho errado e que neste caminho havia muitas curvas e em cada uma delas ficou parte de seus sonhos e desejos.

As duas foram corajosas ao enfrentar os desafios da vida em busca da felicidade que tanto acreditaram, Sabina foi alvo de chacota, Ponciá de previsões pessimistas e mesmo assim persistiram.

Sabina sofreu o abandono do grande amor de sua vida e Ponciá sofreu por ter abandonado sua família. Ambas queriam voltar atrás no tempo, mas o tempo não perdoa, corre como um rio, logo voltar não é mais permitido, o jeito é enfrentar as consequências de seus atos e tentar viver mesmo que sacrificadamente. Sabina sofre ao ver o seu querido Otavio

regressar com uma jovem noiva de mesma condição social, fato que confirma o que a sua gente já lhe havia advertido. Ponciá sofre com incompreensão de seu marido, que a agredia sem motivo algum, simplesmente porque seu estado de inércia o incomodava. Ponciá sofre pelos seus sete abortos, por não ter conseguido ficar com nenhuma das crianças para satisfazer o seu marido e a si mesma, no entanto, Sabina sofre pela criança que carregava em seu ventre e que não era desejada nem por ela e tão pouco pelo seu amante. As duas perdem a vontade de viver, mas o instinto materno de Sabina e o amor de Ponciá pelos seus parentes as fizeram despertar e lutar pela vida, elas resolvem superar as dificuldades e tentar consertar os desacertos cometidos.

Machado e Conceição Evaristo apresentam duas personagens tipicamente pobres e negras com uma série de conflitos pessoais, sociais e econômicos, que destoam de outras personagens femininas, que aparecem simplesmente para dar prazer aos homens. Nestas duas obras observamos os dramas verdadeiramente vivenciados pelas mulheres de cor, pela discriminação racial, e pela condição social: o amor não correspondido, a agressão física, o desejo de maternidade, o aborto, a morte, a saudade, o arrependimento e a coragem de começar do zero e ter uma nova vida. Estes são dramas vividos cotidianamente por diversas mulheres reais. Estes dois autores trabalham esta problemática de maneira surpreendente fazendo com que nós leitores façamos uma viagem junto com Ponciá e Sabina, acompanhado seus desejos e conflitos internos.

Sabina poderia ter se envolvido com outro homem menos cobiçado e de sua raça, no entanto, ela se encantou pela cor e pelos gestos nobres do rapaz, o que era muito corriqueiro na época da escravidão, mulheres que se encantavam pela branquidão dos homens e chegavam até a pensar que os filhos seriam mais bem vistos. A mucama se mostra passiva, fraca e ao mesmo tempo oportunista, ao contrário de Ponciá que representa mesmo em tempos arcaicos a mulher ativa e moderna que sai em busca de seus sonhos e que faz não espera acontecer.

Outro drama vivido pelas mulheres e muito bem retratado no romance de Evaristo é o caso da exploração e o abuso sexual. Vividos diariamente por diversas mulheres, especialmente as casadas que assim como Ponciá desejam conversar e serem ouvidas, no entanto os homens destas mulheres são tão vazios e incapazes de fazer um carinho e trocar confidências que estas mulheres acabam se acostumando com a vida de objeto passivo. É somente o sexo como no reino animal, só o homem sente prazer à mulher neste caso não existe é só abrir as pernas.

Tinha vontade de abrir o peito, de soltar a fala, mas o homem era tão bruto, tão calado. Nem quando ela o conheceu, nem quando ela e ele sorriam e se amavam ainda, Ponciá conseguiu abrir para ele algo além do que seu corpo-pernas... muitas vezes nem o prazer era repartido. Depois então ela sozinha, lembrava com o pensamento e com as mãos o prazer que tinha tido um dia, quando cheia de medo e de desespero se tocou.

Conforme diz Michelle Perrot, a natureza feminina tem dois polos, um branco e um negro: de um lado a maternidade, o doméstico; de outro a superstição, a crueldade, o sangue, a loucura, a histeria. Que as mulheres se ajustem ao primeiro polo, tudo bem. São dessa maneira a pura encarnação do povo generoso. Inclinando-se elas na direção do segundo, a história perde suas leis e as catástrofes se sucedem.

No caso das duas protagonistas conseguimos discernir todas estas características mencionadas em cada polo e isto que mais chama a atenção nas duas personagens por um lado são passivas e domésticas por outro chagam a loucura, simplesmente desistem de viver, se entregam ao acaso, pois a vida perde o sentido e já não existe motivo algum que as prendam ao próprio corpo até que recebem um sacode do destino e resolvem dar a si mesmas uma nova chance.

Bilisa, assim como Ponciá e Sabina, é uma vítima de seus próprios desejos: ela sempre atendeu aos desejos da carne, sucessivamente se entregava aos homens não por obrigação, mas por prazer. Gostava dessa vida até que, por gostar tanto de homens e viver um romance secreto com o filho dos patrões foi parar num bordel e nesse bordel de certa forma se tornou uma prisioneira ela perdeu o direito de se relacionar com homens por prazer. Era uma mulher bonita e fogosa e rendia um bom dinheiro ao lugar e o fato de se encantar por Luande e desejar sair do lugar acaba provocando a cólera de Climério, o cafetão que administra o lugar.

Por amar e desejar ser feliz Bilisa foi morta covardemente pelo cafetão que sem nenhuma piedade a esfaqueou sobre seu enxoval, que com tanto gosto ela fazia ao sonhar com uma vida nova longe daquele lugar de exploração de mulheres. Ela não teve chance alguma de se defender e assim representa uma numerosa lista de mulheres que são brutalmente assassinadas muitas vezes pelos próprios companheiros escolhidos a dedo pelas próprias para comungarem dos mesmos sonhos e dividirem a vida.

As mulheres são movidas pelo desejo é este sentimento que as impulsiona e as fazem viver e o importante para elas é realizar seus anseios, pois é melhor sofrer as consequências das ações do que se arrependem por nunca ter se arriscado.

Sabina, a bela mucama cria da casa se encanta com a possibilidade de se tornar a senhora daquele lugar e por alguns dias ela o é, pelo menos em sonho. Ponciá deseja simplesmente se conhecer, se enxergar como parte de um lugar, porque não se sente parte daquela pequena vila que pertence à família Vicêncio, sobrenome este que marca a era da escravidão. E é por tudo isso que a jovem Ponciá enfrenta o medo e se aventura pela cidade dos brancos encarando uma fatigante viagem em busca de um lugar onde ela finalmente se sentisse em casa.

O seu desejo foi também sua perdição, conseguiu chegar até a cidade, juntou um dinheirinho e conseguiu comprar um pequeno barraco na favela onde ela queria acomodar sua mãe e seu irmão, entretanto se encantou pelo rapaz e foi morar com ele e a partir deste relacionamento que seu infortúnio começou ela já era distraída e agora se tornava mais ausente de si mesma para se livrar daquela triste realidade, e quanto mais se distraía mais era

agredida nem ele entendia porque batia tanto nela até que resolveu para de machuca-la porque viu que ela não reagia tinha desistido de viver talvez até deseja-se que em alguns momentos de agressão ele a livrasse desse mundo injusto que a ela só causou sofrimento.

Porque fim, tudo o que Ponciá almejava atualmente era reencontrar sua família e voltar para casa, para o rio, para o barro que fazia tanta falta agora, chegando até a provocar um desconforto entre seus dedos. Sentia falta de tudo do café e dos biscoitos da mãe, do cheiro do mato e de outras coisas que ela só encontraria na sua vila. Ponciá precisou sair de casa para perceber que não adiantava fugir seu passado e de seus antepassados pois eles faziam parte dela, e ela os carregaria para qualquer lugar e somente quando ela aceitou sua historia ela conseguiu encontrar sua família e voltar para casa e mesmo com todo sofrimento incluindo as agressões os sete abortos e toda a pobreza ela estava feliz porque entendeu que ela fazia parte da sua antiga vila era parte de um povo corajoso que venceu a escravidão e que sofre até hoje na esperança de serem reconhecidos como grande colaboradores na construção deste país . É somente no barro que ela aprendeu a modelar com sua mãe que Ponciá consegue se expressar e sentir realizada e feliz.

Mesmo sofridas Ponciá e Sabina buscaram realizar seus desejos, no entanto o resultado não foi o esperado, mas elas foram a luta e persistiram mesmo diante das criticas e dificuldades, embora não tenha obtido êxito em nenhum dos dois casos, elas também aprenderam a lidar com suas fraquezas, desilusões e arrependimento e tiveram coragem para recomeçar e viver as consequências de suas escolhas.

## V- REFERÊNCIAS

ARRUDA, Aline Aves. Universidade federal de Minas Gerais. 2007.106p.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Machado de Assis afro-descendente - escritos de caramujo*. 2ª Ed. Rio de Janeiro/ Belo Horizonte: Pallas / Crisálida, 2007.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Revista Terra Rocha –“ Mulheres Marcadas”*.

Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroja>.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina* /tradução Maria Helena Kuhner.Rio de Janeiro 2º Ed.Bertrand Brasil.2002. 160p.

MILLET, Kate. *Politica sexual* / tradução Alice Sampaio, Cisela da Conceição e Manuela Torres. Dom Quixote. 1969-1970. 256p.

NICHOLSON, Linda. “Interpretando o gênero”33p PDF Scan Soft Omini Page CSDK15.5, de 04/06/2009.

PERROT, Michele. Dossiê: Historias da mulher no ocidente. 20p